

GOVERNANÇA E DEMOCRACIA REPRESENTATIVA

FELIPE GONZÁLEZ

(coordenação)

Gerson Damiani

José Fernández-Albertos

(organização)

Cátedra José Bonifácio 4

edusp

A responsabilidade pelo conteúdo dos textos publicados nesta obra é exclusiva dos autores; sua publicação não significa a concordância dos organizadores e das instituições com as ideias neles contidas.

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento Técnico do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. Adaptada conforme normas da Edusp.

Governança e Democracia Representativa / Felipe González (coordenação); organização Gerson Damiani, José Fernández-Albertos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

504 p.: il.; 22 cm. – (Cátedra José Bonifácio, 4)

ISBN 978-85-314-1641-5

1. Democracia. 2. Representação política. 3. Democracia participativa. 4. Governança. 5. Globalização. I. González, Felipe. II. Damiani, Gerson. III. Fernandez Albertos, José. IV. Série.

CDD-321.4

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2017

Foi feito o depósito legal

Revista *Árvore: Folhas de Poesia e a impotência democrática: breve estudo*

SONIA MARIA DE ARAÚJO CINTRA¹

A opacidade do poder é a negação da democracia.

Norberto Bobbio

A busca da democracia no Ocidente tem-se efetivado de várias e inúmeras formas. Uma delas é por meio da cultura, e, mais especificamente, como se quer aqui apontar, da literatura. Nas palavras de Massaud Moisés, a literatura é um espaço privilegiado para travar

a luta contra a desumanização do ser humano, no culto das ideias e das crenças que lhe permitam regressar a si mesmo, à sua intrínseca natureza, e a dos seus semelhantes, para fazer face à crise de valores que nos ameaça de todos os lados [...], ou, ao menos, para suscitar que se desenvolva ao nosso redor a consciência da sua necessidade, para, em suma, como diziam os surrealistas, inspirados em Rimbaud, “mudar a vida”².

Na relação ficção e realidade, Lílian Lopondo pondera: “As desventuras do protagonista são também as do leitor, o que equivale a dizer que a fluidez identitária suplanta os muros da ficção”³.

1. Doutora em letras clássicas e vernáculas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e pós-graduada em ecologia e educação ambiental pelo Centro Universitário Padre Anchieta (UniAnchieta). Pesquisadora da Cátedra José Bonifácio, abrigada no Centro Ibero-americano (Ciba) do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da USP, e membro efetivo da União Brasileira de Escritores (UBE).
2. Massaud Moisés, Discurso de Posse à Cadeira n. 17 da Academia Paulista de Letras, São Paulo, 16 mar. 2000, disponível em: <http://www.academiapaulistadeletras.org.br/discursos.asp?materia=992>, acesso em: 7 jan. 2017.
3. Lílian Lopondo, “Um Relato Espe(ta)cular”, em Lílian Lopondo e Aurora Gedra Ruiz Alvarez (orgs.), *Leituras do Duplo*, São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011, p. 135.

Do ponto de vista da história social da arte e da literatura, no que concerne à Europa do século xx, aprende-se com Arnold Hauser que “o novo século está repleto de profundos antagonismos; a unidade de sua concepção de vida está tão profundamente ameaçada que a combinação dos extremos mais distantes, a unificação das maiores contradições, torna-se o tema principal, frequentemente o único tema, de sua arte”⁴. Mais adiante, acerca do dualismo do ser, diz:

O dualismo do ser não é por certo, uma concepção nova, e a ideia da *coincidentia oppositorum* nos é muito familiar através da filosofia de Nicolau de Cusa e de Giordano Bruno, mas o duplo significado e a duplicidade da existência, a cilada e a sedução para o entendimento humano que se ocultam em todo e qualquer fenómeno da realidade, nunca foram vivenciados de maneira tão intensa quanto agora⁵.

A ênfase recai por toda parte na interrupção do movimento, no “*continuum heterogêneo*”, no quadro caleidoscópico de um mundo desintegrado:

O conceito bergsoniano de tempo sofre uma nova interpretação, uma intensificação e um desvio. O acento recai agora na simultaneidade dos conteúdos da consciência, na imanência do passado no presente, na convergência constante dos diferentes períodos de tempo, na fluidez amorfa da experiência interior, na imensidade sem limite da corrente do tempo onde a alma singra, na relatividade de espaço e tempo, ou seja, na impossibilidade de diferenciar e definir os meios através dos quais a mente se move. Nessa nova concepção de tempo quase todos os elementos da tessitura que formam a substância da arte moderna convergem: o abandono do enredo, o “método automático de escrita” e, sobretudo, a montagem técnica e a combinação de formas temporais e espaciais do filme⁶.

Desse modo, a arte genuína, progressiva, criativa, segundo o filósofo, só pode significar hoje em dia uma arte complexa: “Nunca será possível que

4. Arnold Hauser, *História Social da Arte e da Literatura*, trad. Álvaro Cabral, São Paulo, Martins Fontes, 2003, p. 996.

5. *Idem*, p. 967.

6. *Idem*, p. 970.

todas as pessoas derivem dela igual deleite e apreciação, mas a participação das massas nessa fruição pode ser ampliada e aprofundada. As condições prévias para o abrandamento do monopólio cultural são, sobretudo, econômicas e sociais. Não podemos fazer outra coisa senão lutar pela criação dessas pré-condições”⁷.

Nesse contexto, com relação a Portugal em nossos dias, diz Felipe González: “Quando observo a situação em Portugal, pergunto-me se alguém acredita, de boa-fé, que a situação social, econômica ou política melhorou com as políticas *austericidas* dos resgates”⁸.

Recuando no tempo, à década de 1950, para melhor compreender a situação atual, encontramos, no auge do salazarismo⁹, um grupo de jovens poetas que criou a revista *Árvore: Folhas de Poesia*, sob o signo da universalidade e da liberdade. Alguns dos que faziam parte do grupo que se reunia na Cave do Martinho, ao lado do Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa: Albano Martins, António Carlos, Egito Gonçalves, João Rui de Sousa, José Bento e Vitor Matos e Sá. Albano Martins, em entrevista concedida a Cinda Gonda, em 1991, em Vila Nova de Gaia, diz: “Era aí que, praticamente, todas as tardes eu me encontrava com o Raul de Carvalho, quando vinha da faculdade, ligava pouca importância à faculdade. Gostava, sim, das coisas literárias. Lembro-me bem do Luís Amaro, do António Luís Moita. O Ramos Rosa, raramente, pois vivia em Faro, no Algarve”¹⁰.

O nascimento da revista *Árvore: Folhas de Poesia* corresponde à visão de mundo da época e deita luzes na poética do mundo atual, na busca da universalidade e da liberdade como forma de resistência e combate à fragmentação da existência, à censura e à hegemonia do mercado global, em

7. *Idem*, p. 992.

8. Felipe González, *À Procura de Respostas*, trad. João Govern, Lisboa, Matéria-Prima, 2015 (grifo do autor).

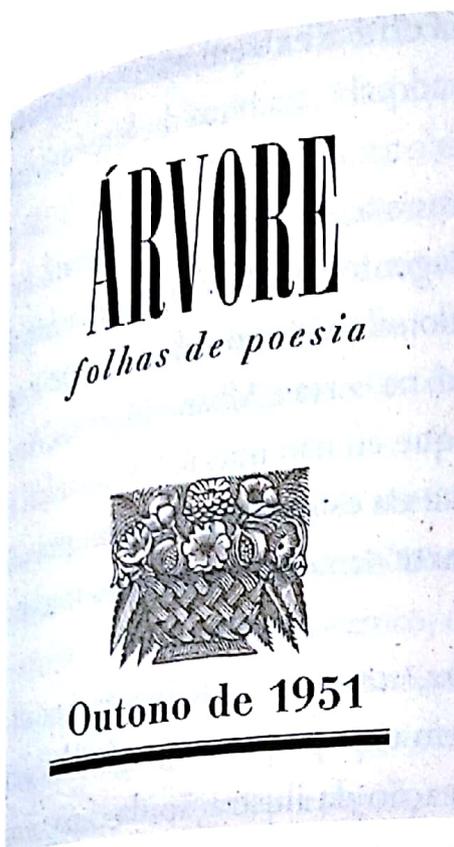
9. Utiliza-se aqui o termo “salazarismo” para designar o período de governo de Oliveira Salazar (1926-1968), conforme nomenclatura de Fernando Rosa e José Mattoso (org.), *História de Portugal*, Lisboa, Estampa, 1998, vol. 7: *O Estado Novo: 1926-1974*.

10. Albano Martins, Vila Nova de Gaia, 1991 (depoimento), *apud* Cinda Gonda, “*Árvore: Breve História de uma Revista*”, *Labirintos: Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos Portugueses*, n. 4, 2008, disponível em: http://www1.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2008/06_artigo_cinda_gonda.pdf, acesso em: 22 fev. 2017.

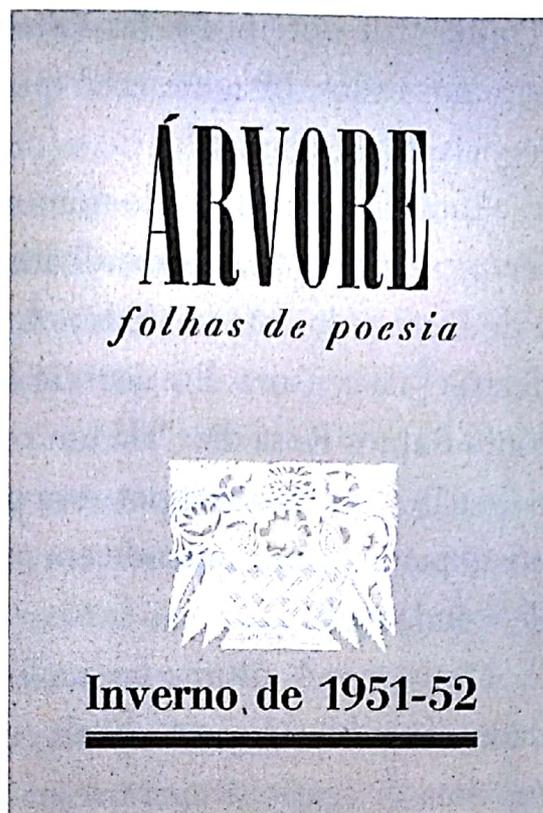
favor do respeito à identidade e à cultura própria de cada lugar, buscando sua interação por meio de ações singulares e criativas. As ideias de Sartre e sua postura contra o totalitarismo, o tema da liberdade constante em suas reflexões têm na obra de Vergílio Ferreira um marco da influência sartriana do existencialismo em Portugal. O periódico *Árvore* surgiu do encontro entre os estudantes António Luís Moita e Raul de Carvalho, nas aulas noturnas do Instituto Britânico, em Lisboa, quando ambos se interessaram pela única revista que trazia um artigo do filósofo francês. Logo depois, ambos já conversavam sobre a criação de uma revista que retomasse a experiência de *Orpheu*, aberta não só aos herdeiros de *Presença* e *Cadernos de Poesia*, mas que representasse um leque de toda a poesia da altura, em Portugal. O nome *Árvore* foi escolhido por Raul de Carvalho. Entre os que faziam parte do grupo da revista, que se afirmava sob o signo da universalidade e da liberdade, encontrava-se Albano Martins. Os três primeiros números traziam na capa as seguintes inscrições: *Árvore: Folhas de Poesia*; e, logo abaixo, uma ilustração discreta – um singelo cesto de vime trançado, contendo flores e folhas – era seguida da data de publicação: outono de 1951. Sobre o primeiro número de *Árvore* diz Cinda Gonda: “Habilmente estruturado, o primeiro número de *Árvore* rompe o silêncio imposto pelo regime; num jogo polifônico, vozes ali dialogam. Como ramos de uma mesma árvore que estendesse os braços ao infinito, indagam, questionam, renovam um panorama acentuado pela mesmice. [...] Realmente, *Árvore* inaugura um espaço indispensável à poesia”¹¹.

Divulgada de mão em mão, a revista tem seu segundo número publicado no inverno de 1951-1952, com o mesmo formato, mais volumosa que a anterior e com uma dedicatória à memória de Sebastião da Gama, *amigo e poeta que perdemos*. Na primavera-verão de 1952, a publicação do terceiro número demonstra dificuldades e sinais de crise pela qual passava a revista, o desligamento de um de seus diretores e um volume menor de páginas. Contudo, registra-se o acolhimento da *Árvore* pela crítica especializada. Raul de Carvalho partilharia com Albano Martins o êxito alcançado na imprensa local e a repercussão da revista no exterior: “O Simões, no

11. Cinda Gonda, *op. cit.*, p. 5, 2008.



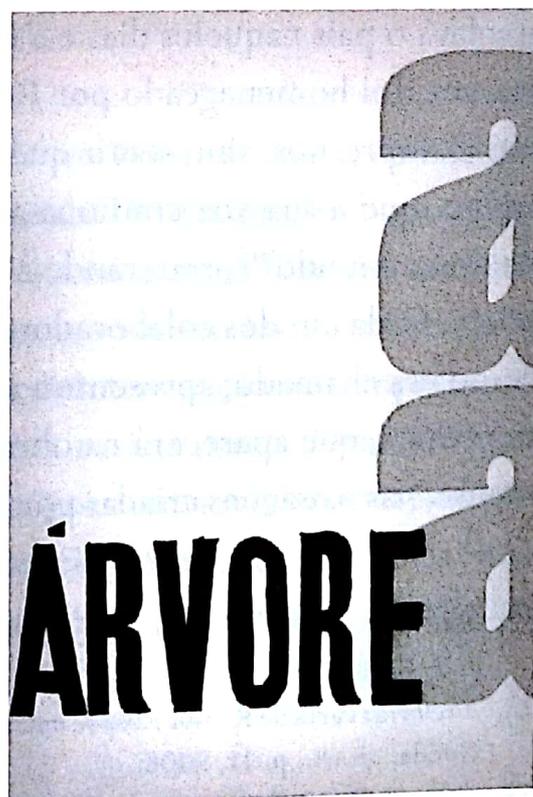
Capa do n. 1 da revista.



Capa do n. 2 da revista.



Capa do n. 3 da revista.



Capa do n. 4 da revista.

'Popular' de ontem, 24, faz à *Árvore* 3 uma crítica extremamente honrosa para nós todos. Imagine você que a coisa adquire, na boca do Simões, categoria internacional"¹².

Antes da publicação do número 4 da revista, os diretores sofreram interrogatórios coletivos e individuais por agentes da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Pide). À polícia do salazarismo cabia executar as decisões da censura. Em sentido contrário, na carta a Albano Martins, António Ramos Rosa diz: "Há um remorso que eu não queria ter amanhã: é o de não ter feito nada por essa poesia que eu estou certo que surgirá no nosso país – e que depende em grande parte da nossa lucidez, humanidade e audácia"¹³.

O número 4, último fascículo da *Árvore*, com textos de inegável qualidade, foi publicado à revelia da censura, em uma pequena tipografia, com máxima discrição. Repara-se na simplificação da ilustração da capa. Em nota final a revista publicou a notícia de morte de Teixeira de Pascoaes e Paul Éluard. O primeiro foi homenageado por Luís Amaro, que conclui: "Não pode o poeta responder a interrogações que também eram suas, – mas a grave beleza dos versos que nos legou ficará sendo, na Noite escura, uma luz de promessa"¹⁴, ou seja, uma alusão à opressão política que assolava o país naqueles dias e a esperança de liberdade. Paul Éluard, por sua vez, foi homenageado por Ramos Rosa: "Não nos cumpre ser profetas. Cumpre-nos, sim, sentir que Paul Éluard é um nosso guia e um nosso amigo, que a sua voz continua a ser a esperança, a confiança e a pureza de nosso mundo"¹⁵, reiterando a ideia de esperança vindoura pela voz do poeta. Cada um dos colaboradores do número 4 da revista, ou "fascículo", como era chamado, apresentou aos leitores uma verdadeira síntese da arte poética, que aparecerá na obra de Albano Martins expressa, principalmente, nas paisagens criadas por sua lírica, em seu esplendor polissêmico,

12. Raul de Carvalho, carta a Albano Martins, Lisboa, 25 set. 1952, *apud* Cinda Gonda, *op. cit.*, p. 7, 2008.

13. A referida carta de Ramos Rosa se encontra no arquivo pessoal de Albano Martins. Cf. Cinda Gonda, *op. cit.*, p. 11, 2008.

14. *Árvore: Folhas de Poesia*, n. 4, p. 73, 1953.

15. *Árvore: Folhas de Poesia*, n. 4, pp. 73-74, 1953.

comprometido com a liberdade de expressão e com a esperança de dias melhores para Portugal. Um exemplo é o “Poema para Habitar”, dedicado a Raul de Carvalho, transcrito e analisado, mais adiante.

Em abril de 1953, o salazarismo pôs fim ao projeto da revista *Árvore: Folhas de Poesia*, e com um auto de apreensão, emitido pela Pide, suprimiu a publicação do número 4. Por seu valor histórico, o referido auto foi preservado entre os documentos de Albano Martins e é transcrito a seguir:

Aos dezesseis dias do mês de abril do ano de mil novecentos e cinquenta e três, nesta cidade do Porto e Livraria Internacional, sita à rua de Santo António número quarenta e três e quarenta e cinco, onde eu, José Trindade Roque, agente da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, em serviço na subsecretaria desta polícia, daquela cidade, vim em cumprimento de ordem superior, [sic] apreender quatro exemplares da revista portuguesa *Árvore* [sic] sob a direção e a edição de António Luís Moita, António Ramos Rosa, José Terra, Luís Amaro, Raul de Carvalho, as quais fiz conduzir para a subsecretaria desta polícia nesta cidade. E para constar o presente auto, que vai ser assinado por Alberto Ferreira da Silva, na qualidade de gerente da referida livraria, pelas testemunhas José Felipe da Silva e Joaquim Pereira Moutinho, ambos agentes desta polícia e em serviço nesta cidade, e [sic] por mim agente apreensor que o datilografei¹⁶.

A inclusão desse breve histórico da *Árvore: Folhas de Poesia*, revista que abriu espaço à poesia portuguesa dos anos de 1950 e que, embora de duração efêmera (apenas 3 anos), teve papel relevante na resistência contra o regime salazarista em Portugal, ao alçar sua voz em favor da liberdade, por meio de poemas que traziam a marca da intervenção no campo social, ela lança luzes sobre a contextualização. A revista *Árvore: Folhas de Poesia* constitui fonte imprescindível de pesquisa, por contribuir para maior compreensão das paisagens poéticas na construção do sujeito criativo na lírica de Albano Martins, um de seus colaboradores, e da literatura portuguesa em seu mais amplo espectro.

16. Cinda Gonda, *op. cit.*, 2008, pp. 12-13.

Segundo o depoimento de Albano Martins¹⁷, seu oculto secretário e intenso colaborador, em 8 de maio de 2015, a revista *Árvore* era um espaço aberto às mais diversas tendências, desde que obedecessem ao critério de autenticidade, ou seja, da poesia encarada na sua “realidade específica”, estabelecido na introdução do número 1 de *Árvore*: “Nosso primeiro critério: o da autenticidade”. Nasceu, portanto, da necessidade, sentida por alguns poetas residentes em Lisboa, de criação de um amplo espaço de convergência e diálogo e, simultaneamente, de abertura às tendências e propostas mais inovadoras que, ao nível da linguagem e da compreensão do fenômeno poético (da poesia encarada na sua “realidade específica”), que contrariavam o formalismo, o “conformismo piegas”, o “lirismo bem-comportado” e o esteticismo que ameaçavam a poesia portuguesa no início dos anos de 1950 e não correspondiam aos anseios de liberdade e abertura para poetas da época.

Dir-se-á, lembra Albano Martins, no *e-mail* datado de 6 de maio de 2015, que o critério da *Árvore* é o mesmo dos *Cadernos de Poesia*: “A poesia é só uma”. E considera: “Independentemente das tendências, já se vê pelas páginas da revista que passaram os neorrealistas, sim, mas também os surrealistas (Mário Cesariny de Vasconcelos...), os tradicionalistas (David Mourão-Ferreira...) e outros”. O leque de colaboradores é vasto e aglutina as mais diversas tendências que se ramificam na nova fase da modernidade portuguesa. Apesar de ainda estar condicionada a certos modismos da época, a literatura expressa a angústia resultante da crise por que passa a Europa, voltando-se para a condição do homem lançado na correnteza da vida. Nesse contexto desponta a poesia de Albano Martins, reunida no livro de estreia do poeta *Secura Verde* (1950), e esparsamente publicada em *Árvore*.

O “Poema para Habitar” de Albano Martins, transcrito a seguir, consta dessa última publicação da revista *Árvore* e expressa a busca de plenitude pelo sujeito lírico:

17. Albano Martins, informação pessoal recebida por *e-mail*, em 6/5/2015, às 10h01min53s.

POEMA PARA HABITAR
(A Raul de Carvalho)

A casa desabitada que nós somos
pede que a venham habitar,
que lhe abram as portas e as janelas
e deixem passear o vento pelos seus corredores.

Que lhe limpem os vidros da alma
e ponham a flutuar as cortinas do sangue
- até que uma aurora simples nos visite
com o seu corpo de sol desgrenhado e quente.

Até que uma flor de incêndio rompa
o solo das lágrimas carbonizadas e férteis.
Até que as palavras de pedra que arrancamos da língua
sejam aproveitadas para apedrejarmos a morte¹⁸.

O poema transcrito é composto de três estrofes de quatro versos longos, livres e brancos, a significar a liberdade de ideia e expressão. Em andamento quase narrativo, a expressão “a casa desabitada” conota vazio e solidão, e pode ser compreendida como metáfora do ser humano em si, da casa propriamente dita, da pátria, do planeta e da própria poesia, dadas as circunstâncias em que se encontram. O pronome pessoal “nós” expressa a vontade comum, coletiva, do pedido para que a venham habitar. Por esse prisma, “fio de Ariadne” da análise, parece ser a ânsia de “relição eu-mundo”, o que pode se dar por meio do dialogismo, entendido como diálogo com o outro, com o diferente, conforme já se observou anteriormente, e pela vibração emotiva que percorre o poema como força erótica (integração com a vida por intermédio de Eros), como mítica-telúrica (interligação com a terra-mãe) ou como poética (a poesia como

18. Albano Martins, “Poema para Habitar”, *Árvore: Folhas de Poesia*, n. 4, p. 21, 1953. Foi mantida a ortografia original em todos os poemas transcritos neste artigo.

fundadora do real). Nos três sentidos, o processo de autoconsciência do sujeito lírico se evidencia na busca de transformação do eu e do mundo por meio da transmutação das imagens que conotam o estado de tristeza e miséria, opressão, censura e morte, presentes nas expressões “vidros da alma”, “cortinas do sangue”, “solo das lágrimas carbonizadas”, “palavras de pedra”, em imagens de liberdade, fertilidade, florescimento de beleza, da vida e da poesia, reunidas nos versos da terceira estrofe: “– até que uma aurora simples nos visite / com o seu corpo de sol desgrenhado e quente”, e reiteradas na quarta estrofe: “Até que uma flor de incêndio rompa” e até “apedrejarmos a morte”. Cabe notar que a imagem “sol desgrenhado”, entre outras, surpreende o leitor ao captar e expressar o inusitado de um momento, em consonância com as vanguardas.

A revista *Árvore* foi destinada a divulgar e a defender a criação poética de seu tempo. Os três primeiros números foram impressos nas Oficinas Gráficas de Ramos, Afonso & Moita Ltda. Acerca do título da revista, pode-se dizer que, do ponto de vista simbólico, a árvore é um dos símbolos mais ricos e difundidos, significativo da regeneração, do renascimento da vida, que sempre vence a morte, em perpétua ascensão para o céu. Sua verticalidade permite a comunicação dos três níveis do cosmos; “o subterrâneo, através das raízes sempre a explorar as profundezas onde se enterram; a superfície da terra, através de seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu”¹⁹. Da ilustração da capa, convém notar que a folha participa do simbolismo geral do reino vegetal como símbolo da felicidade e da prosperidade. Um buquê ou ramo de folhas designa o conjunto de uma coletividade, unida em uma ação coletiva e um pensamento comum.

Vários e sucessivos periódicos, como *Távola Redonda*, *Cassiopeia*, *Graal*, *Cadernos do Meio-Dia*, *Bandarra*, *Grifo*, *Circunlóquios*, *Cadernos do Passeio Alegre*, *Estranhar Pessoa* etc., deram continuidade ao movimento de revistas que teve como epicentro *Orpheu* (1915) e *Árvore* (1951), originando e ramifi-

19. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, trad. Vera da Costa e Silva, 23. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 2009, p. 85.

cando o modernismo e as novas tendências literárias, estéticas e filosóficas em Portugal. Após o 25 de abril de 1974, a poesia liberta-se, expande-se em “uma outra poesia” mais a serviço do povo, da liberdade sociopolítica. E, conforme se aprende em Massaud Moisés, passada a primeira quadra de 1974, são retomadas as lendas de *Orpheu* e o espírito moderno de *Árvore*. Surgem de suas raízes e copa outras ramificações que abrigam grandes revelações no domínio da poesia, bem como no âmbito da prosa e na atividade dramática.

Ainda como contextualização, cabe destacar especialmente dos versos reunidos em *Secura Verde*, livro de estreia do poeta, lançado em 1950, ano que precedeu à publicação do número 1 da revista *Árvore*, o último poema do livro, no qual o poeta funde, por meio do oximoro “secura verde”, seu estado de ânimo e a situação do país, expressos na tensão semântica do substantivo e do adjetivo. Antes, porém, convém deter-se um pouco sobre o oximoro, figura retórica que se situa no campo do sentido conotativo, ajudando a definir determinados conceitos de difícil expressão, como é o caso da combinação de vocábulos paradoxais, em que ambos os termos se excluem, a fim de revelar que a conciliação de contrários é possível e, por vezes, indispensável para exprimir a verdade. O oximoro tem o objetivo de intensificar, mais que a antítese, a junção paradoxal, muitas vezes para despertar o efeito epigramático²⁰, ou seja, de alusão crítica, às vezes, mordaz. Na expressão “secura verde” a tensão semântica entre o substantivo e o adjetivo revela a crítica breve e mordaz ao estado de ânimo do poeta e à situação do país, ambos oprimidos e inconformados com a realidade. A exemplo da natureza, que mantém vida latente na raiz, enterrada, o poeta guarda escondidas em seu silêncio as palavras “aves noturnas” que buscam “a luz do dia”:

20. Carlos Ceia (org.), *E-Dicionário de Termos Literários*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2010, disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt>, acesso em: 7 jan. 2017.

É verde esta secura, como é verde
a raiz duma planta que secou.
Posso ter o corpo aberto
e não mostrar o que sou.

Meus versos podem ser tristes
e eu ter profunda alegria.
Aves nocturnas que buscam,
inquieta, a luz do dia.
(AED, 2010, p. 32)²¹

Ao propor uma comparação argumentativa, “como é verde / a raiz duma planta que secou”, o poeta atenua a contradição do título do poema, repetida no primeiro verso, e aponta para a complexidade, profundidade do ser planta e do ser humano. A palavra “raiz” evoca a ideia de profundidade, de secreto, de oculto, em oposição à palavra “corpo” que transmite uma imagem do exposto, do que é visto, sem, contudo, ser revelado seu interior. O mesmo se aplica à segunda quadra, em que o eu lírico do poema “Meus versos podem ser tristes”, do eu real do poeta “e eu ter profunda alegria”. A tensão contraditória do oxímoro inicial “secura verde” prolonga-se até o fecho do poema, no qual os versos tristes são metaforicamente apresentados com “aves nocturnas que buscam, / inquieta, a luz do dia”. Em outras palavras, inquietações profundas que buscam a liberdade do ser, da expressão poética, da pátria, assim como ainda verde a raiz da planta que secou continua seu trabalho subterrâneo pelo reverdecer da planta à luz solar.

Em se tratando de poeta do mundo contemporâneo, faz-se necessária uma visão panorâmica da lírica de Albano Martins, para apresentar alguns traços de sua imensa e complexa obra poética, em incessante produção.

21. Adotou-se AED para designar o livro *As Escarpas do Dia: Poesia 1950-2010*, Porto, Afrontamento, 2010.

Nesse sentido, compreender a função das vanguardas parece ser fundamental. Lê-se em Augusto de Campos:

Entender a vanguarda como busca febricitante do novo pelo novo, como mera estética do provisório e o extravagante, é desentender totalmente a raiz de sua necessidade. O que fizeram as vanguardas das primeiras décadas foi criar os pressupostos da linguagem artística de nossa época, correspondendo à Revolução Industrial e antecipando a Revolução Tecnológica, no contexto da evolução científica e das transformações sociais do mundo moderno. E o que fizeram as novas vanguardas da segunda metade do século foi retomar e desenvolver essas propostas, que a catástrofe das duas grandes guerras e a intervenção opressora dos regimes totalitários de esquerda e de direita haviam interrompido e sufocado²².

Citado por José Fernández-Albertos²³, na videoconferência da Cátedra José Bonifácio, em 29 de junho de 2016, Ignacio Sánchez-Cuenca, em sua obra *La Impotência Democrática*²⁴, ressalta os mecanismos das falsas democracias que não incluem as demandas sociais, políticas e culturais da população e limitam a atuação do sistema político ao interesse do poder do mercado global pautado pela austeridade econômica das políticas de governanças ainda existentes no mundo atual. Nesse sentido, Rocío Martínez Samper e Rodrigo, em videoconferência na mesma data, lembra a importância da transparência nas atividades dos deputados nas contradições dos interesses públicos e privados.

Em contravapor aos regimes de recessão, a revista *Árvore: Folhas de Poesia* constitui a potência democrática revelada pela poesia, em sua originalidade e autenticidade. E Albano Martins, a exemplo de Violeta Parra,

22. Augusto Campos, *Poesia Antipoesia Antropofagia & Cia*, São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 291.

23. José Fernández Albertos, “La Crisis, Europa y el Futuro de la Democracia: Una Lectura de ‘La Impotencia Democrática’ de Ignacio Sánchez-Cuenca”, *El Diario*, 24 mar. 2014, disponível em: http://www.eldiario.es/piedrasdepapel/Europa-Impotencia-Democratica-Ignacio-Sanchez-Cuenca_6_242235775.html+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br, acesso em: 22 fev. 2017.

24. Ignacio Sánchez-Cuenca, *La Impotência Democrática: Sobre la Crisis Política de España*, Madrid, Los Libros de la Catarata, 2014.

Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Geraldo Vandré, Caetano Veloso, Chico Buarque e tantos outros poetas e músicos ibero-americanos, cuja lírica demanda pesquisa acurada e estudo aprofundado – a serem realizados em paralelo, posto distanciarem-se muito do tema aqui proposto e se alongarem mais do que o espaço destinado a este capítulo permite –, coloca sua força criadora e seu talento artístico em favor da liberdade de expressão e contra a censura e o engodo, enfatizando, por meio da razão sensível, as autênticas denúncias e demandas sociopolítico-culturais da população. O periódico *O Pasquim*, veiculado nos “anos de chumbo” do Brasil, de tom satírico, com o humor a dizer a verdade contra a censura e a opressão, contou com a colaboração de expoentes literários e cartunistas como Millôr Fernandes, Henfil, Ziraldo, entre outros. Segundo reportagem publicada por uma agência de notícias espanhola: “O ex-presidente de governo Felipe González criticou a Europa por estar fazendo uma política de austeridade que, levada a seu extremo, é de austericídio”²⁵. Recentemente, a Academia Paulista de Letras (APL) promoveu uma exposição interessante sobre o franquismo, a morte de Federico García Lorca, o mistério do lugar onde seu corpo foi arremessado, a homenagem que Flávio de Carvalho prestou a ele, com a escultura inaugurada em 1968, que por duas vezes foi destruída por seguidores de ideologia antagônica. Na ocasião, segundo lembra o artigo publicado por José Renato Nalini²⁶, manifestaram-se inúmeros acadêmicos, entre eles, a ficcionista Lygia Fagundes Telles, os poetas Paulo Bomfim, José Fernando Mafra Carbonieri e Renata Pallottini, também dramaturga, a jurista Ada Pellegrini Grinover, a escritora Anna Maria Martins, o sociólogo José de Souza Martins, o bispo dom Fernando Antônio Figueiredo, o ministro José Gregori, o economista José Pastore, o maestro Júlio Medaglia, o cartunista Mauricio de Sousa, os professores Gabriel Chalita, presidente da APL, Celso Lafer e José Goldemberg, entre outros acadêmicos.

25. “Felipe González Advierte de que la Política de Austeridad de Europa ‘Llevada a Su Extremo’ Es ‘de Austericidio’”, *Europa Press*, 6 maio 2013, disponível em: <http://www.europapress.es/extremadura/noticia-felipe-gonzalez-advierte-politica-austeridad-europa-llevada-extremo-austericidio-20130506143019.html>, acesso em: 9 set. 2016 (tradução nossa).

26. José Renato Nalini, “Tardes Mágicas”, *Jornal de Jundiáí*, p. 2, 11 set. 2016.

Há, portanto, esperança de “mudar a vida”, mesmo dentro de um quadro de políticas *austerizadas* de resgate, aplicando-se o mesmo a Portugal, Espanha, Itália, Grécia, Irlanda e a outros países da América ibérica que sofrem com essa situação periférica de união monetária imperfeita que tem alimentado desequilíbrio e não dispõe de mecanismos de ajuste das variedades do mesmo tipo de crise, sobretudo por escassez de diálogo com a população e transparência dos gestores públicos para transformação de nossas, incluído o Brasil, sociedades e economias de acordo com as reais demandas sociais. Para Norberto Bobbio, “como ideal de governo visível, a democracia sempre foi contraposta a qualquer forma de autoritarismo, a todas as formas de governo em que o sumo poder é exercitado de modo a ser subtraído na maior medida possível dos olhos dos súditos”²⁷.

O geógrafo Milton Santos²⁸, ao analisar a “globalização perversa”, essa realidade social da fome, miséria, pobreza, pondera que ela resulta no alastramento dos males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção, e propõe uma globalização mais humana, democrática, participativa e consciente. Há condições técnicas, diz ele, precisamos de condições socioculturais para que ela ocorra. O professor Pedro Dallari, em aula inaugural da disciplina Temas Contemporâneos da Ibero-América, no Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP), em 13 de setembro de 2016, salientou que, em sentido amplo de Ibero-América, para além do sentido econômico, é na cultura que vamos resgatar algo mais revelador de nossa identidade.

Nesse diapasão, nas publicações da revista *Árvore: Folhas de Poesia* e no “Poema para Habitar”, de Albano Martins, a poesia cumpre seu papel de potência democrática, constantemente atualizada pelo olhar e reflexão do leitor, colocando por terra barreiras de tempo-espço e retecendo o *continuum* heterogêneo da própria existência. Nas palavras de Raquel de Sousa Ribeiro, “Albano Martins, poeta português contemporâneo, autor

27. Norberto Bobbio, “O Poder Invisível”, em *Democracia e Segredo*, org. Marco Revelli, trad. Marco Aurélio Nogueira, São Paulo, Editora Unesp, 2015, p. 29.

28. Milton Santos, *Por uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal*, Rio de Janeiro, Record, 2000.

de poemas geralmente curtos, mas de longa ressonância, acordando experiências adormecidas dos leitores, também, para eles, intensas de significação e emoção”²⁹. O mesmo se aplica à prosa de ficção que expressa as autênticas e férteis matrizes do imaginário ibero-americano, com sua riqueza simbólica, arqueologia mítica e invenções atualizadas, abordadas pela professora e escritora Nélida Piñon, coordenadora da Cátedra José Bonifácio em 2015, que enaltecem a soberania da criação por meio de uma escrita poética e intérprete da realidade, favorecendo a flexibilidade necessária ao diálogo e à polifonia, nas autênticas relações internacionais, na busca da harmonia e da paz entre povos e nações.

29. Raquel de Sousa Ribeiro, “Versátil em Tempo de Celebração”, em Sônia Cintra, *Versátil*, São Paulo, In House, 2014, p. 224 ss (posfácio).